

## **A caracterização do álbum fotográfico como recurso informacional: elementos para a Organização e representação da Informação**

*The characterization of the photographic album as an information resource: elements for the Organization and Representation of the Information*

**Cristina Ribeiro dos Santos**

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.

E-mail: [crislondrina@hotmail.com](mailto:crislondrina@hotmail.com)

**Ana Cristina de Albuquerque**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista.

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

E-mail: [albuantati@uel.br](mailto:albuantati@uel.br)

### **Resumo**

O álbum fotográfico e a fotografia, seu elemento principal, apresentam em sua natureza características que representam determinadas situações repletas de informações. O álbum fotográfico se revela como um empenho, uma vontade particular ou pública de arranjar memórias de forma a ter uma leitura direcionada e homogênea do passado. Desta forma, indaga-se quais as características do álbum fotográfico, enquanto recurso informacional, e objetiva-se elencar estas características a fim de possibilitarem maior base para o processo de organização e representação das informações contidas nesses álbuns. Nesta direção, essa investigação utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo como pressuposto ser exploratória. Em síntese, ao se substanciar os elementos que compõem o álbum fotográfico, como um recurso informacional, percebe-se a sua essencialidade ligada ao sujeito representado, ao arquivo, à narrativa e à necessidade de compreensão desses elementos para um tratamento informacional mais completo.

**Palavras-chave:** Recurso Informacional. Álbum Fotográfico. Fotografia. Organização da Informação.

### **Abstract**

The photographic album and photography, its main element, present in their nature characteristics that represent certain situations full of information. The photographic album reveals itself as a commitment, a private or public desire to arrange memories in order to have a homogeneous and directed reading of the past. In this way, we investigate the characteristics of the photographic album, as an informational resource, and aims to list these characteristics in order to provide a greater basis for the process of organization and representation of the information contained in these albums. In this direction, this research uses the methodology of the bibliographic research, having the presumption to be exploratory and descriptive. In synthesis, when substantiating the elements that make up the photographic album, as an informational resource, one can perceive its essentiality linked to the represented subject, the archive, the narrative and the need to understand these elements, for a more complete informational treatment.

**Keywords:** Information Resource. Photographic Album. Photography. Information Organization.

## 1. Introdução

A necessidade de organizar, categorizar e dividir ideias e coisas sempre esteve presente, tendo em vista o processo de aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos seres humanos. A Organização e Representação da Informação conta com processos estruturados na catalogação, classificação, indexação e resumos para descrever e representar recursos informacionais para sua organização intelectual e no espaço físico dando, assim, a possibilidade de uma unidade informacional ter, ao alcance de seus usuários, formas de recuperar os dados de seu acervo. Devido a estes processos, a contextualização da informação quanto a produção, acesso e apropriação são desenvolvidos de forma a dar uma dimensão agregadora, que, de maneira contínua, gera novas informações a medida que são recuperadas e utilizadas pelos usuários.

O ato de organizar e representar necessita de elementos que são analisados durante os processos relativos ao tratamento dos recursos informacionais e, estes, por sua vez, devem ser identificados coerentemente com a função, objetivo e necessidade expostos pela unidade informacional que irá armazená-los e pelos usuários que buscarão aquelas informações.

Neste sentido, os diversos recursos informacionais são reflexos de alterações que buscam atender à demanda técnica, social ou mesmo cultural de determinada sociedade e de unidades informacionais e devem ser definidos e caracterizados com o objetivo de poderem ser melhor aproveitados em todo o seu sentido informacional.

De acordo com Santos, Simionato e Arakaki (2014, p. 148): “O termo recurso informacional refere-se à informação objetivada no contexto de um campo do conhecimento podendo ser apresentado em uma estrutura analógica e/ou digital [...]”. O valor informacional desse termo, para os autores supracitados, caracteriza sua gênese intelectual, expressa no item propriamente dito (SANTOS; SIMIONATO; ARAKAKI, 2014). Assim, sua definição também está ligada a: “[...] ‘item informacional’, ‘informação registrada’, ‘coisa física’, ou uma ‘coisa não-física’ e ‘artefato’” (SANTOS; SIMIONATO; ARAKAKI, 2014, p. 148).

Desta forma, a questão norteadora deste artigo foi tentar perceber quais as características mais relevantes de um álbum fotográfico tendo como objetivo, caracterizar o álbum fotográfico como um recurso informacional. A partir das características definidas, buscou-se apontar o que torna um álbum fotográfico um recurso informacional, possibilitando maior base para o processo de Organização e Representação das informações neles contidas.

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e exploratória. Para caracterizar o álbum fotográfico a pesquisa apoiou-se em uma literatura própria, através da qual foram retirados e analisados elementos que podem auxiliar a organização e representação dos documentos. Desta maneira, os seguintes autores compõem o corpus teórico: Buckland (1991) e Le Coadic (1996), que oferecem suporte no que se refere à informação e informação como coisa; Glushko (2013), que auxilia na conceituação de recurso informacional; para delimitar o assunto fotografia e álbum fotográfico utilizou-se Kossoy (2002), Silva (2008), Sougez (2001) e Fabris (1991).

A representação e a organização da informação estão relacionadas com as formas de simbolizar a informação e o conhecimento visando o seu acesso, além do objetivo de sanar uma necessidade informacional futura. A partir do momento em que se conhecem e se identificam as características que nem sempre são tão comuns, são gêneros e documentos agregados em um álbum, sua posterior organização, representação e, por fim, recuperação, se tornarão mais coerentes, haja vista que os elementos servirão aos processos em qualquer unidade informacional, arquivos, bibliotecas ou museus, pois esse tipo de documento está presente em ambiências informacionais diversas.

## 2. A constituição do álbum fotográfico

Aferir ao álbum fotográfico o papel de recurso informacional exige a observância de uma série de assuntos, os quais abarcam a origem e as características embrionárias do álbum, bem como a sua configuração no papel de fonte informacional. Do mesmo modo, faz-se elementar a caracterização e a composição de um recurso informacional.

Tais elementos têm, na esfera teórica, seu aporte, porém seus reflexos são elementares na esfera aplicada, no dia a dia dos profissionais que tratam, recolhem, organizam e disponibilizam essas informações.

Ao se fixar a genealogia do álbum fotográfico, Abdala (2010, p. 5, grifo da autora) analisa a palavra “álbum” e afirma que “Originalmente, *álbum* é um termo latino: denominava as tábuas nas quais eram impressas as decisões dos pretores, a lista dos senadores, etc. [...]”.

O álbum apresenta, então, na visão da referida autora, “tábulas brancas” em que os produtores registram e arquivam memórias, impressões, objetos, imagens, de acordo com seus

olhares e com base em suas percepções. Trata-se de uma produção elencada e concretizada a partir de uma organização e uma intenção de arquivar.

FUNARTE-IBAC et al. (1996, p.99) a partir do “Manual de catalogação de documentos fotográficos”, descreve o álbum fotográfico como “Conjunto de folhas reunidas antes ou depois de nelas serem fixadas imagens fotográficas. [...] só serão considerados os álbuns que tragam originais fotográficos e reproduções fotomecânicas”, ou seja, é uma construção adaptada de seu produtor, que terá uma recepção pelo usuário a partir da imagem do produtor. Tal conceito revela uma definição que mostra a relevância da unidade do conjunto documental e a importância das fotografias nesse conjunto.

A característica embrionária do álbum fotográfico é a fotografia que, de acordo com Annateresa Fabris (1991, p. 11), ao analisar seus usos e funções no século XIX, explica que, anteriormente ao seu surgimento, a sociedade oitocentista já mantinha relações de consumo para com as imagens. São conhecidas como ‘imagens de consumo’, aquelas impressas e multiplicadas que constituem o esteio da comunicação e da informação visual desde a Idade Média e que determinam a visualidade própria da era ‘pré-fotográfica’.

Uma das principais consequências sociais do uso e do consumo da fotografia é que seus suportes de baixo custo levaram à proliferação dos registros imagéticos da população. Tal acúmulo fora tanto que chegou a um nível que fomentou a gênese de coleções desses registros, seja pela união das imagens adquiridas e acumuladas uma a uma ou pelos álbuns de temáticas, como de lugares exóticos, personagens famosos, eventos, entre outros. (FABRIS, 1991). Existiam coleções que ganhavam um sentido e recebiam voz ao se juntarem em um arquivo único, no qual adquiriam uma história e um enredo e, posteriormente, viriam a ser conhecidas pelo nome de álbuns fotográficos (FABRIS, 1991).

A popularização do consumo e a utilização das imagens no cotidiano da sociedade, em especial nos formatos de cartão de visita, foram alçados a um valor simbólico afetivo e, conseqüentemente, o seu acúmulo e sua guarda suscitam uma necessidade, ou seja, um local onde se pudesse dispor tais imagens. Nessa direção, Lima (1993, p. 100) explica que:

O álbum surge, assim, atrelado à ideia de coleção, à prática de acumular objetos revestidos de alto valor afetivo e simbólico. Produzidos inicialmente vazios, à espera do arranjo específico que cada história de vida iria dar aos retratos acumulados, os álbuns não tardaram a se transformar em coleções montadas por um editor, reunindo fotografias de grandes eventos como as exposições universais, 'souvenirs' de viagens e vistas urbanas de lugares exóticos.

De acordo com Leite (2001, p. 3), na segunda metade do século XIX, o uso dessas fotografias para a construção da autoimagem de parte da população transformou-se “[...] em um filão recorrente dos ateliês fotográficos, e mesmo as classes inferiores da sociedade, em menor escala, almejam participar dos novos rituais de representação”. De acordo com Silva (2008), já existiam registros, poucos anos depois de inventada a fotografia, da técnica doméstica de arquivo que vai permitir o cultivo de imagens de si mesmo e dos parentes mais próximos. O referido autor ainda pontua que:

No início, o álbum era constituído apenas de páginas soltas, embora criadas para tal fim, guardadas em armários e escrivaninhas, mas pouco depois de meados do século XIX, já há notícias de álbuns editados como cadernetas ilustradas com luxuosas capas em países como França, Alemanha, Inglaterra e Itália. Para seu início oficial, costumava-se evocar a Inglaterra, com a publicação do álbum dos Mayall, com cartões de visita (cartão com fotos de pessoas) da família real. (SILVA, 2008, p. 116)

Tal euforia em torno da fotografia e dos álbuns iniciou-se na Europa, mas logo se difundiu pelo mundo. Esse culto e arquivamento das imagens tornou-se um hábito e sua classificação e ordenação também.

Em um parêntese sobre imagens e palavras, Martins (2002, p. 419) explica essa relação como um extraordinário paradoxo, pois, no ponto mais alto da sua evolução, a imagem reencontra o ponto exato de que partiu na sua pré-história, na qual a palavra escrita ainda não existia e seu uso era extenso. Assim, as pinturas nas cavernas, para esse autor, seriam palavras desenhadas. Essas palavras desenhadas, ao serem acumuladas e ordenadas, formam um enredo, um tema ou, ainda, a modalidade de álbum fotográfico. Gradativamente, esses espaços de construção adquirem temas diversos, como os de aniversários, de vistas ou panoramas, os escolares, de festas comemorativas, de familiares, de países, de paisagens, de monumentos, de pós-morte, de retratos de pessoas famosas, os religiosos, de casamento, os institucionais, de nascimento, de viagens, de batizado, de formatura e de retratos. São, portanto, uma infinidade de temas que foram selecionados e provam a efervescência imagética que a sociedade vivia. (SILVA, 2008)

A compra ou a produção de um álbum fotográfico evidencia uma preocupação em manter as fotografias ordenadas racionalmente, classificadas em passagens de forma a dar embasamento a uma narrativa uniforme e homogênea, sem os momentos nebulosos, além de proteger as imagens. Portanto, essa imagem fixa, durante o fim do século XIX e início do XX, incide diretamente no gosto e no desejo da população, que adquire o hábito de arquivar a vida, os momentos e os sentimentos. Assim: “O hábito de armazenar imagens nos álbuns de família

remete a um desejo de preservar o passado privado para a posteridade” (GOVEIA; ZANOTTI, 2008, p. 3).

Uma das grandes funções da fotografia durante o período de expansão da sociedade industrial, terá sido, de acordo com Rouillé (2009), a de erigir um novo inventário do real, sob a forma de álbuns e, em seguida, de arquivos. Desse modo, o inventário fotográfico do real teria se constituído no cruzamento de dois procedimentos de tesauroização: o das aparências, pela fotografia, e o das imagens, pelo álbum e pelo arquivo (ROUILLÉ, 2009).

Assim, Rouillé (2009) afirma que a união fotografia-álbum constitui a primeira grande máquina moderna a documentar o mundo e a amearhar suas imagens. Para o autor, “Antes do desenvolvimento das agências e dos arquivos, o álbum e a fotografia-documento funcionaram em simbiose durante quase um século”. (ROUILLÉ, 2009, p. 98). Idênticas observações foram feitas por Lenzi (2011), que cita o álbum de fotografia como o primeiro meio utilizado na modernidade para catalogar e ordenar a vida:

O álbum de fotografia foi o primeiro meio utilizado na modernidade para catalogar o mundo em imagens. A humanidade deveria ser 'guardada' em álbuns – posteriormente, em arquivos fotográficos. Se a fotografia fragmentava a realidade, o álbum a reordenava. Os álbuns ordenavam, portanto, o presente que se queria lembrado – que seria deixado como memória. Foram publicados prestigiosos álbuns, hoje raros, sobre o Egito, a Palestina, a Síria, a Núbia, Jerusalém. Encontravam-se também álbuns sobre a guerra, a arqueologia, retratos de celebridades etc. (LENZI, 2011, p. 1).

Annateresa Fabris (2009, p. 36), por sua vez, aponta que “o álbum era o lugar por excelência da coleção, por estabelecer um fluxo imagético e temporal, no qual o indivíduo projetava seus gostos e suas expectativas”. Essas imagens formam, na perspectiva de Rouillé (2009), arquivos iconográficos.

A radicalidade no uso e no consumo de imagens pelo florescer da modernidade fotográfica, apontada pelos autores, é ainda mais explorada por Rouillé (2009), no entendimento de que captar, apanhar, registrar e fixar uma imagem funciona como uma máquina de ver e renovar, assim, fomenta o projeto documentário. “Arquivar”, então, tornou-se a palavra-chave para o autor:

Uma das grandes funções da fotografia-documento terá sido a de erigir um novo inventário do real, sob a forma de álbuns e, em seguida, de arquivos. O álbum, enquanto mecanismo de reunir e tesauroizar as imagens; a fotografia, enquanto mecanismo para ver (óptico) e para registrar e duplicar as aparências (químico). Assim, esse inventário fotográfico do real constituiu-se no cruzamento de dois procedimentos de tesauroização: o das aparências, pela fotografia; e o das imagens, pelo álbum e pelo arquivo (ROUILLÉ, 2009, p. 97).

Corroborando com os autores citados anteriormente, Mendes (2012, p. 15) esclarece que “Os primeiros álbuns de fotografias eram compostos por encadernações em pele, geralmente ornamentadas com baixos-relevos ou outros objetos decorativos”. O caráter luxuoso é apontado por pela presença de joias incrustadas, madrepérola, ouro ou tecidos valiosos, tornando os álbuns “[...] belos e imutáveis, que aparecem como mundos privados, preservados durante anos no seu local de descanso” (MENDES, 2012, p. 15).

Esse caráter requintado é registrado também por fabris (1991, p. 42), a qual demonstra em seu raciocínio que estes tipos de álbuns eram definidos como 'magníficos'. Os álbuns fotográficos, desta forma, “[...] tornam-se logo uma necessidade para a mentalidade classificadora do século passado” (FABRIS, 1991, p. 42). Em destaque na fala da referida autora temos as palavras 'Elegantes, de qualidade superior' que, segundo seus levantamentos em reclames de Livrarias, apareciam com frequência. A autora afirma também que “[...] tornam-se cada vez mais sofisticados (modelos com vidro para 20, 40, 50 e 100 imagens), até chegarem ao 'requite' dos 'álbuns sonoros' (dotados de caixas de música), anunciados por Christofle e Cia., em 1875. (FABRIS, 1991, p. 42).

O álbum fotográfico evidencia tanto a alegoria/simbologia do ideal de progresso e de modernidade quanto a possibilidade e necessidade da guarda de momentos familiares, memórias particulares, institucionais ou ainda paisagens que se alinham prontamente com esse novo produto e o seu ideal de progresso e de modernidade.

Considerando uma narrativa que tem como base, principalmente, a ordenação cronológica das fotografias e a relação delas com os outros elementos presentes no enredo – legendas, convites de baile, bilhetes, recados, postais, mensagem de boas festas, molduras, selos, cartões de visita, passagens, convites de casamento, recortes de revistas, jornais, mechas de cabelos, ingressos, pulseira de identificação de maternidade, entre outros – o álbum explora, em seu contexto interno e externo, recursos visuais e possui características particulares, acrescidas, por vezes, do recurso verbal. Silva (2008, p. 18), ao estudar álbuns de famílias colombianas, analisa sua composição:

[...] o álbum conta histórias, mas não somente sobre fotos, pois a ele são acrescentados outros objetos: cartões, lembretes, recortes de jornal, relíquias e partes do corpo: umbigos de recém-nascidos, gotas de sangue, mechas de cabelo, unhas de mãos e marcas de pés. Em sentido literal, o álbum é um pedaço de nossos corpos.

Destaca-se que o físico e a coerência/integração organizacional dos suportes, a união dessas características com a parte interna e sua forma de narrativa articulam-se para compor o

álbum fotográfico. Dito em outras palavras, há de se pensar nas formas que a informação fora registrada nesse álbum, de forma interna: suas intenções, temas, discurso; e de forma externa: como se apresenta o físico, sua composição de materiais e estrutura.

A respeito de sua estrutura física, primeiramente, destaca-se a encadernação, que pode ter vários tamanhos e formatos, como brochura e espirais. A costura pode ser manual ou industrial e pode ser produzida por diversos tipos de materiais. Externamente, tem-se a possibilidade de ser confeccionada de forma heterogênea: madeira, papel, acrílico, metal, tecidos.

Os ornamentos são um caso à parte, pois pode-se encontrar várias simbologias ali registradas, entalhadas, pintadas, aplicadas ou mesmo desenhadas ou ainda uma imagem fotográfica que remeta a seu conteúdo. Internamente, as folhas são produzidas por papéis dos mais diversos produtos, tais como a seda, o papel-manteiga, o cartonado, o laminado, as molduras e os plásticos.

Assim, os álbuns fotográficos caracterizam-se cheios de informações, tanto nas fotografias, quanto no que trazem consigo em sua história e montagem.

### **3. Pressupostos para a compreensão de álbuns fotográficos: a informação como coisa**

A discussão sobre as características do álbum fotográfico como Recurso Informacional suscita algumas questões importantes como: a informação registrada ou a informação como coisa e a natureza do recurso informacional. Para refletir sobre estas questões, Buckland (1991) explica que a informação-como-coisa pode incluir dados, textos, documentos, objetos e eventos, imagens. A informação registrada entendida como coisa é uma proposta que classifica as variações de compreensão e de processos do conceito informação: “Que coisas são informativas?” (BUCKLAND, 1991, p. 351).

De acordo com o autor, a definição do termo informação passa por informação-como-processo, que é o próprio ato de informar e também de ser informado, tendo como consequência uma modificação no que se sabe. Passa também pela informação-como-conhecimento, o que é percebido na informação como processo, ou seja, a informação que é assimilada, e a informação-como-coisa:

Informação-como-coisa para bits, bytes, livros, sons, imagens e qualquer coisa física percebida como significante. A palavra “documento”, que não foi historicamente limitada à mídia textual, pode ser usada como termo técnico para informação-como-coisa (Buckland, 1991a, 1991b, 1997). Começando com esta última categoria, informação-como-coisa, podemos perguntar quais documentos fazem ou, mais, corretamente, o que pessoas fazem com informações-como-coisas, com documentos, isto é, com dados, registros, textos e mídia de qualquer tipo. (BUCKLAND, 1997, p. 351)

O autor supracitado evidencia que os documentos estão inseridos na sociedade e dão forma às vidas das pessoas, como é o caso das imagens e do álbum fotográfico, no qual a informação caracteriza-se como coisa. Le Coadic (1996) afirma que a informação é “[...] um conhecimento gravado seja sob a forma escrita, impressa ou numérica, e este conhecimento ainda pode estar gravado na forma oral ou audiovisual” (LE COADIC, 1996, p. 05)

A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação. (LE COADIC, 1996, p. 05)

Ao considerar-se o álbum fotográfico como um recurso informacional, considera-se também que este se forma como fonte de informações, pois foram selecionadas e registradas, além disso, representam uma ação humana em organizar e arquivar. Sendo assim, a natureza de recurso no álbum fotográfico pode ser identificada a partir, entre outras questões, da necessidade de guardar, organizar e recuperar informação (SILVA, 2008).

Ao se considerar o álbum fotográfico um recurso informacional, juntamente a itens como monumentos, livros-texto, atas, enciclopédias, dicionários, livros de literatura e arquivos e bibliotecas, suscita-se uma necessidade imperativa de definição de sua natureza e de suas características, e também de abarcar os preceitos ligados a esse termo. Um recurso informacional guarda em seu cerne informações de uma sociedade, as marcas do povo e do lugar que o originou e, claro, os pensamentos e as visões alinhados a esses preceitos. Dessa forma, lidar com tais recursos requer a construção de aportes capazes de lançar luz àquilo que traz em seu bojo. (GLUSHKO, 2013)

Segundo Glushko (2013), o conceito de “recursos” pode ser uma coisa física ou uma coisa não física, pode conter informações sobre coisas físicas ou informações sobre acontecimentos não físicos, ou seja, para o autor, ‘recurso’ engloba um amplo escopo. O termo “documento” também é frequentemente usado para sinônimo de recurso de informação em formato digital ou físico (GLUSHKO, 2013). Outro aspecto enfatizado pelo autor, são as

diferenças entre os recursos informacionais tangíveis e intangíveis. Glushko (2013) considera que para determinar se o recurso é tangível são essenciais as informações e o conteúdo. Para o autor, o recurso precisa ser tratado como sendo “sobre” ou “representando” algum outro recurso, em vez de ser tratado como uma coisa em si (GLUSHKO, 2013, p. 8).

A diversidade de fontes de informação, de acordo com Glushko (2013), é imensa, e o conceito de fonte de informação também se dá como um sinônimo de documento, ou seja, é preciso triangular as definições sobre tal conceito.

Pode-se inferir, então, que “A informação registrada constitui-se em documento” (BELLOTTO, 2002, p. 22). O documento, por sua vez, se alinha em seus preceitos ao recurso informacional, conhecido ainda como fonte informacional. Essa conceituação abarca manuscritos, publicações impressas, além de objetos tridimensionais (peças museológicas), objetos arqueológicos, amostras de minerais, obras de arte e imagens em seus inúmeros formatos.

A fotografia, neste sentido, na concepção de Reis (2003), é uma fonte informacional que registra o conhecimento e expõe conteúdos específicos sobre um determinado momento. Tal fonte permite ser incluída numa determinada categoria de forma e de conteúdo de recurso informacional. Partindo-se do raciocínio sobre o uso e o consumo de imagens fotográficas, percebe-se o álbum fotográfico ligado a esse contexto: sendo um recurso informacional que é suporte na geração de conhecimentos, em outras palavras, fatos e ações registrados e acumulados que servem de subsídio ou ferramenta de pesquisa.

Os álbuns fotográficos possuem um relacionamento particular com o passado como suportes de memórias e com a tecnologia e a sua clara intenção de registrar informações. Dessa maneira, a ligação dos álbuns com vários domínios do conhecimento torna-os um recurso híbrido (SIMIONATO, 2012), porém o recurso informacional, a tecnologia em sua criação e o suporte da memória se apresentam notáveis.

#### 4. Elementos do álbum fotográfico como recurso informacional

Caracterizar o álbum fotográfico como um recurso informacional passa pela discussão da informação-como-coisa. Isso porque define-se como materialidade o que pode ser apreendido de sua montagem e apresentação e também o que os elementos apresentados no seu contexto trazem à luz para sua organização e representação. O álbum apresenta, de forma sistemática, o conteúdo informacional acumulado, histórias e trajetórias repletas de informações e contexto. A natureza do álbum fotográfico possui diversos elementos relevantes neste processo, como a estrutura, a articulação e uma natural relação entre suas partes, as quais são essenciais para sua significação.

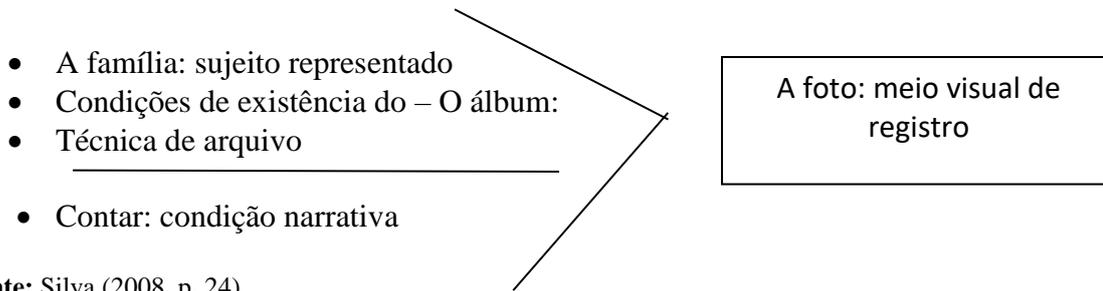
Trata-se de um material que oferece informações para os mais diversos campos do saber, atuando como resposta a dúvidas e atendendo a uma pendência informacional do pesquisador. Como se sabe, os álbuns fotográficos são elaborados com uma determinada finalidade que é constituírem uma narrativa de um determinado tema: são relatos de uma família, de uma instituição ou de uma região, por exemplo.

A partir destes pressupostos, aponta-se que os profissionais que atuam nos centros de informação necessitam estar atentos e precisam buscar os elementos que identifiquem um conjunto de imagens como um álbum fotográfico, passível de ser também caracterizado como um recurso informacional. De acordo com Silva (2008), ao se identificar tais elementos embrionários, é possível apontar: o sujeito representado, a fotografia, algum tipo de arquivo e a narrativa.

Para o autor supracitado, não pode haver a existência do álbum sem o sujeito representado e sem a fotografia revelada. Sem estar em algum tipo de arquivo também não se consolidaria a possibilidade de um tema e, por fim, sem esses três elementos não haveria a narrativa, pois esta é uma ação que supõe as anteriores. “As quatro condições definem da seguinte maneira o nome do que culturalmente chamamos de álbum fotográfico de família” (SILVA, 2008, p. 23):

Imagem 1: Condições para a constituição de um álbum fotográfico.

- A família: sujeito representado
- Condições de existência do – O álbum:
- Técnica de arquivo
- Contar: condição narrativa



A foto: meio visual de registro

Fonte: Silva (2008, p. 24)

Nesse viés, Silva (2008) relaciona a família ao sujeito coletivo que narra e tem à disposição o manejo e a construção de um espaço de ficção. A foto é relacionada ao meio que produz a imagem, que visualiza a família, além disso, faz parte de sua capacidade técnica expressar um tempo de exposição. O arquivo, por sua vez, é tido como uma maneira de classificar. Finalmente, a narrativa é vista pelo autor como um relato e dá aos narradores o poder de manipular as histórias nas quais a família está envolvida e que mereceram ser arquivadas como imagem.

Assim, haveria uma condição existencial - a família; outra que marca a temporalidade comunicativa - a foto; e outra que cria a espacialidade - o álbum como calendário. Por último, vem a ação do relato, que corresponde à condição propriamente verbal e literária. Contudo, esses atributos inter-relacionam-se de modo substantivo ou nominal e agem a partir de uma lógica de conjunto (SILVA, 2008, p. 24).

A narrativa só existe por meio da materialidade do álbum, das fotos e da ação do sujeito (SILVA, 2008). É importante salientar que, ao evidenciar as características de um álbum fotográfico familiar, o autor avança delimitando as características e as funções desse recurso informacional:

O álbum, cujo estudo realizado não se esgota na fotografia. Ao contrário, dela escapa por várias razões. O álbum, como fica expresso, nasce e é filho da foto e do retrato pictórico, com todas as suas consequências lógicas, comunicativas, técnicas e psíquicas, mas margeia a literatura e o teatro no que diz respeito à narrativa, bem como a arte quanto à visualidade, expressa oralidade no modo de ser relatado e acolhe certas técnicas de classificação no sentido de arquivo familiar. Essas especificidades fazem dele um objeto particular nas relações com as percepções (SILVA, 2008, p. 37).

Ao acolher certas técnicas de classificação, esse arquivo segue uma racionalidade e uma lógica que nem sempre são perceptíveis a um olhar mais apressado. A lógica da ordenação dos “saltos” entre as fotografias, como cita o autor, nem sempre é cronológica.

Mas há algo inevitável: ele possui uma ordem em que uma foto se encadeia a outra, e, portanto, *sua visão produz a figura do “salto”* – palavra que parece definir bem esse fenômeno –, tendo em vista que “salta” de uma foto para outra, para recompor um propósito global. Sua enunciação muda, como o teatro, com cada encenação, com a introdução de uma nova foto que transforma a ordem das já existentes (SILVA, 2008, p. 32, grifo do autor).

Em sua perspectiva, Silva (2008) aponta que a função do álbum não seria mostrar nada novo, a não ser em casos excepcionais, mas conservar o que já foi visto e anunciado muitas vezes. Então, “O álbum de fotos de família não tem por função anunciar, mas conservar várias vezes o anunciado pela foto ou por outros meios. Compete ao álbum mostrar o que já foi dito” (SILVA, 2008, p. 37).

O autor explica que o recurso informacional, o qual o álbum se torna, possui uma faceta interessante: tem, em seus caprichos, a possibilidade de mostrar, mas também de esquecer. Esse recurso trabalha, então, com os silêncios das “ovelhas negras” da família e dos divórcios, por exemplo, de forma contundente.

Os álbuns não são todos iguais na organização nem completados por idêntica motivação, o que torna importante averiguar tanto os diferentes motivos de seus relatos quanto à variedade de arquivos e condições, [...] o arquivo é sempre uma maneira de guardar e hierarquizar que depende de quem o organiza, como é natural, mas também do objeto que será arquivado e de sua tradição (SILVA, 2008, p. 41).

Ao revelar e mostrar algo, dando evidência a um fato, deixa de mostrar outras coisas, “[...] então o outro de meu inconsciente constitui aquilo que faz o álbum ser desejo de família: o imaginário coletivo de um grupo, a família, que se representa dessa forma, mas também se apaga” (SILVA, 2008, p. 37).

A preocupação com o levantamento de dados do álbum fotográfico consiste em estudar analiticamente seus vínculos com outros documentos, sejam imagéticos ou textuais, e sua ligação com o órgão, instituição ou família que o produziu. Ademais, atenta-se, principalmente, às fases que tal recurso passou desde sua produção, acumulação e depósito.

Assim, evidencia-se a necessidade de se observar esse recurso informacional com um olhar crítico. Ao se deparar com um álbum fotográfico em que seus componentes não possuam uma racionalidade, que não apresentem uma linearidade, conflituoso e sem um sentido lógico, demonstra-se o imperativo de buscar com afinco a gênese documental e sua contextualização, pois a racionalidade estará atrelada a ela, proporcionando mais respostas.

A percepção das transformações nos álbuns fotográficos, que, em alguns casos, são obras de autoria coletiva pode levar à perda do sentido de direção inicial, causada pela falta de

percepção de seus colaboradores. A identificação dos autores, portanto, é um aspecto importante para garantir a qualidade de descrição da obra. Para uma melhor caracterização do álbum fotográfico, estão dispostos os elementos principais que participam de sua composição no quadro abaixo.

Quadro 1: Pressupostos para a existência do álbum fotográfico

Sujeito representado	A família/ instituição/ tema, sujeito coletivo ou individual.
Meio visual de registro	A fotografia; é relacionada ao meio que produz a imagem, que visualiza o sujeito representado.
Condições de existência/ Técnica de arquivo	O álbum; o arquivo, por sua vez, é visto como uma maneira de classificar.
Condição narrativa	O contar, a narrativa dá aos narradores o poder de manipular as histórias nas quais o sujeito representado está envolvido e que mereceram ser arquivadas como imagem. O álbum fotográfico pode ser produzido e narrado por várias pessoas, uma instituição, um grupo, ou ainda uma família, ou seja, pode possuir vários colaboradores.
Produtores e colaboradores	Identificação de colaboradores posteriores ao seu contexto de criação.

Fonte: Elaborados pelas autoras baseado em Silva (2008).

Como pode-se perceber pelo quadro acima, há vários elementos a serem observados, e estes elementos possuem, por sua vez, informações que, de uma forma escrita ou imagética, foram registradas e ali permaneceram. A existência de um álbum fotográfico está ligada a estes elementos e também o caracterizam como recursos informacionais.

Estes elementos contemplam o arcabouço de informações que devem ser observadas e enfatizadas para sua organização e representação em unidades informacionais. Com a observância e aperfeiçoamento de elementos que levem à caracterização do álbum fotográfico como recurso informacional é possível que os termos possam emergir e se concretizar em conceitos e, desta forma, ampliar a disponibilidade das informações que estão dispostas nestes recursos, permitindo assim uma maior confluência para a organização e representação da informação (PATO, 2015).

O sujeito representado, meio visual de registro, condições de existência/ técnica de arquivo, condição narrativa, produtores e colaboradores são informações embrionárias que levam à compreensão e possibilidade de tratamento destes recursos.

Compreender o álbum fotográfico como recurso informacional engloba evidenciar sua estrutura física, seus elementos visuais e suas narrativas e também seu autor/es, contextualizando os possíveis temas e sua relação com a sociedade ali representada. Isso porque

o álbum requer um cuidado aliado a um processo cauteloso de pesquisa para que o objetivo final, a recuperação das informações pelos usuários, seja possível.

## 5. Considerações

O álbum fotográfico é um importante recurso informacional que necessita de um trabalho de caracterização e levantamento de seus elementos para ser devidamente tratado informacionalmente. Ao adentrar as unidades de informação, sua estrutura diz respeito ao autor, ao tema aos aspectos sociais e toda uma gama de informações que contextualizarão e evidenciarão uma determinada demanda de entendimento junto a seus elementos.

A fotografia e o álbum fotográfico permitem conhecer as singularidades dos mais diversos grupos, dos costumes retratados e da própria sociedade das quais originaram-se os fatos e as informações registrados nas imagens e na sequência narrativa do álbum. São as memórias de um indivíduo, de um grupo, de uma região ali materializadas, registradas em narrativas, imagens, documentos, que revelam as experiências de vida, da função ou das atividades desenvolvidas durante um determinado tempo, enfatizando em seu discurso as pessoas e os eventos considerados significativos e constituindo uma forma de registro.

Nesse tipo de recurso, o autor pode ser identificado ou não. Porém, sua narrativa se revela em algumas passagens, como, por exemplo, por intermédio das escolhas do tema, das imagens, dos documentos que fazem parte desse conjunto e, claro, pelas legendas.

Presente nas legendas, o autor evidencia a sua relação com as pessoas desses registros e o seu ponto de vista, que mantém relação com sua época e a sociedade. Dessa forma, pelo fato de o álbum possuir informações de grande valia para levantar informações sobre o ambiente, as memórias e a sociedade, embora selecionadas, serve como fonte de informação para os mais diferentes fins.

Neste sentido, a identificação dos elementos deste recurso informacional desloca-se do âmbito particular para o público e adentra as unidades de informação. Nesse processo, passa a exercer funções específicas junto a instituição que o acolheu e ser organizado e representado sem que suas características principais se percam. Tratam-se de fontes de informação indispensáveis no que se refere à orientação e à pesquisa e imprescindíveis aos processos de organização e representação da informação.

Considera-se que tornar acessível a recuperação das informações destes recursos requer uma apurada análise de suas informações e de seu contexto, suas especificidades e elementos de construção, para, desta forma, ser possível o tratamento de suas informações, recuperação e compreensão por parte dos usuários.

## Referências

ABDALA, Raquel Duarte. A prática de composição de álbuns fotográficos escolares a partir da análise do álbum do jornal “Nosso Esforço”, da escola Caetano de Campos-SP. *In: VIII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 8., 2010. [Anais...]. São Luís: [s.n], 2010.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 318p.

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [s.l.], v. 42, n. 5, 1991.

FABRIS, Annateresa (org.) **Fotografia**: usos e funções no século XIX. São Paulo: EDUSP, 1991. 298 p.

FUNARTE / IBAC et al. **Manual para catalogação de documentos fotográficos**. Rio de Janeiro: Funarte-IBAC / Fundação Biblioteca Nacional / Museu Histórico Nacional / Museu Imperial de Petrópolis / Cpdoc-FGV, 1996.

GLUSHKO, Robert J. (ed.). **The discipline of organizing**. Massachusetts: MIT Press, 2013

GOVEIA, Fábio; ZANOTTI, Rosane. Memória privada e memória coletiva na fotografia contemporânea. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)*, 31., 2008. Natal. **Anais [...]**. Natal: ANCIB, 2008. p. 01 – 11.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LENZI, Maria Isabel Ribeiro. Gilberto Ferrez e os livros-álbuns de arte e de fotografia. *In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH*, 26., 2011. **Anais [...]** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. p.01-11.

LIMA, Solange Ferraz de. Espaços projetados: as representações da cidade de São Paulo nos álbuns fotográficos do início do século. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, p. 99-110, jan./dez. 1993.

MARTINS, Wilson. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 2002.

MENDES, Paula Joana Magalhães de Jesus. **O álbum (i)material**: o impacto da fotografia digital na produção do álbum de família. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

PATO, Paulo Roberto Gomes. **Imagens**: polissemia versus indexação e recuperação da informação. 2015. 340 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

REIS, Eltevína Borges. La naturaleza documental: génesis y evolución. *In*: REIS, Eltevína Borges. **La fotografía documental contemporánea en Brasil**. 2003. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidad de Barcelona, Barcelona, 2003.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: SENAC, 2009.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; SIMIONATO, Ana Carolina; ARAKAKI, Felipe. Definição de metadados para recursos informacionais: apresentação da metodologia BEAM. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 146–163, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15251>>. Acesso em: 30 de jun. 2018.

SIMIONATO, Ana Carolina. **Representação, acesso, uso e reuso da imagem digital**. 2012. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2012. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/Simionato%20A.C.\\_mestrado\\_C.I.\\_2012.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/Simionato%20A.C._mestrado_C.I._2012.pdf)>. Acesso em: 09 de abr. 2019.

SOUGEZ, Marie-Loup. **História da fotografia**. Lisboa: Cátedra, 2001.

Artigo submetido em: 03 jan. 2018

Artigo aceito em: 27 mar. 2019